

# RESSALVA

Atendendo solicitação da  
autora, o texto completo desta tese  
será disponibilizado somente a partir  
de 04/08/2024.

**DÉBORA BALLIELO BARCALA**

**O grotesco feminino como subversão na obra de Flannery  
O'Connor**

**ASSIS**

**2022**

**DÉBORA BALLIELO BARCALA**

**O grotesco feminino como subversão na obra de Flannery  
O'Connor**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutora em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador(a): Cleide Antonia Rapucci

Bolsista: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, Processo Nº 2017/21785-7)

ASSIS

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

Barcala, Débora Ballielo

B242g O grotesco feminino como subversão na obra de  
Flannery O'Connor / Débora Ballielo Barcala. Assis,  
2022.  
251 f.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista  
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis  
Orientadora: Dra. Cleide Antonia Rapucci

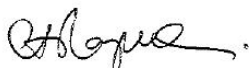
1. O'Connor, Flannery, 1925-1964. 2. Grotesco na  
literatura. 3. Mulheres e literatura. 4. Ficção norte-  
americana - Escritoras - Crítica e interpretação. 5. Crítica  
literária feminista. I. Título.

CDD 813.09



**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE DÉBORA BALLIELO BARCALA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.**

Aos 04 dias do mês de agosto do ano de 2022, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de DÉBORA BALLIELO BARCALA, intitulada **O grotesco feminino como subversão na obra de Flannery O'Connor**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. CLEIDE ANTONIA RAPUCCI (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) UNESP/FCL-Assis, Prof. Dr. ALEXANDER MEIRELES DA SILVA (Participação Virtual) do(a) UFCAT - Universidade Federal de Catalão, Profa. Dra. CARLA CAVALCANTI E SILVA (Participação Presencial) do(a) UNESP/FCL-Assis, Profa. Dra. DANIELA MANTARRO CALLIPO (Participação Presencial) do(a) UNESP/FCL-Assis, Profa. Dra. ÉRICA FERNANDES ALVES (Participação Virtual) do(a) UEM/Maringá. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: aprovado. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Profa. Dra. CLEIDE ANTONIA RAPUCCI

## **AGRADECIMENTOS**

A meu companheiro da vida toda, Marcelo de Gois Barbosa, que esteve presente em todas as etapas de meu crescimento como pesquisadora desde os primeiros anos de graduação até a presente defesa e nunca hesitou em incentivar e apoiar meu desenvolvimento pessoal e profissional;

Agradeço também aos meus pais, Reinaldo de Souza Barcala e Flávia Aparecida Dalmatti Ballielo Barcala, meus primeiros incentivadores, que sempre primaram pela minha educação, cercando-me de cuidados e formando-me enquanto leitora e estudante curiosa;

À Dr<sup>a</sup> Cleide Antonia Rapucci, que não apenas apresentou Flannery O'Connor a uma caloura do curso de Letras em 2010, como também orientou minha trajetória acadêmica, ajudando a amadurecer as ideias e análises presentes neste trabalho;

Ao Prof. Dr. Antonio Roberto Esteves que foi fundamental para o início desta tese, com seus comentários ainda na defesa do mestrado;

Às professoras Dr<sup>a</sup> Carla Cavalcanti e Silva e Dr<sup>a</sup> Daniela Mantarro Callipo, membras da Banca de Qualificação, pelos apontamentos e contribuições para o seguimento deste trabalho;

Aos companheirinhos Jorel e Boris que em pouco tempo me transformaram em uma pessoa mais amável e infinitamente mais feliz, sendo muitas vezes motivo de esperança e coragem em tempos difíceis de isolamento;

Às várias amigas incríveis que fiz ao longo desta trajetória e que me deram força, coragem, acolhimento e incentivo para enfrentar os dias ruins da vida acadêmica que é por vezes incrivelmente solitária e que, por força das circunstâncias, tornou-se ainda mais depois de 2020. Vocês me fazem acreditar no poder da sororidade;

Aos alunos a quem tive o privilégio de lecionar e com os quais pude discutir a obra de O'Connor nos últimos anos, pois suas ideias certamente ampliaram minha visão da obra da autora;

A Marcos Francisco D'Andrea, secretário do Programa de Pós-Graduação em Letras pela eficiência e apoio nas questões burocráticas;

O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo Nº 2017/21785-7 de Bolsa no País e Nº 2019/20466-0 de Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior. Agradecemos também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, pelo apoio ao programa de pós-graduação.

## **SPECIAL THANKS**

*A crucial part of this research was carried on during my stay in the United States of America in the beginning of 2020, and, therefore, I feel obliged to thank the people that very generously made that possible.*

*First, I must thank Dr. Marshall Bruce Gentry, who very kindly accepted to be my supervisor. I am immensely grateful for the hours spent discussing Flannery O'Connor's life and work, for the wise words which helped me organize my own work, and for the extreme generosity in picking me up at the airport and helping me settle in an empty apartment. Your support has been essential in innumerable ways.*

*I would also like to thank the staff from the International Education Center of Georgia College and State University for dealing with all the paperwork for the visa and arranging the details of my stay.*

*To Nancy Davis Bray, Holy Croft, and Jessamyn Swan, the Special Collections staff at Ina Dillard Russel Library, for the daily help in finding manuscripts and resources and for the support when the pandemic broke out in March 2020.*

*To Marina Busatto Spears and Eric Spears again for very generously opening their house to me and making me feel at home while in the United States, for the many hours of pleasant conversation. Without you my experience would not have been half as enriching as it was.*

*And last, but not least, to Marilda Viana, my first English teacher, without whom none of these would ever have been possible.*

*“On the subject of the feminist business, I just never think, that is never think of qualities which are specifically feminine or masculine. I suppose I divide people into two classes: the Irksome and the Non-Irksome without regard to sex. Yes and there are the Medium Irksome and the Rare Irksome.” (O’CONNOR, 1979, p. 176)*

BARCALA, Débora Balliello. **O grotesco feminino como subversão na obra de Flannery O'Connor**. 2022. 251 f. (Doutorado Acadêmico em Letras). – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, 2022.

## RESUMO

Embora muito discutida nos Estados Unidos, a obra de Flannery O'Connor (1925-1964) ainda é pouco estudada pela crítica feminista, pois é considerada como conservadora e alinhada aos padrões dominantes. Esta tese, no entanto, demonstra como o carnaval e o grotesco se articulam na obra de Flannery O'Connor tornando-a espaço de insurreição e contraprodução cultural, ao exibir corpos e comportamentos femininos extraordinários e ao questionar as fronteiras socialmente estabelecidas entre o "masculino" e o "feminino". Para isso, tomamos por base as obras de Hugo (s/d), Kayser (2013) e Bakhtin (2013) sobre o grotesco, além das obras de Russo (2000) e Yaeger (2000) sobre o grotesco feminino e a literatura de autoria feminina do sul dos Estados Unidos. Assim, este trabalho aprofunda os estudos sobre o grotesco feminino na obra de O'Connor, analisando toda a sua obra ficcional (romances e contos) dialogando com obras recentes sobre o tema e ressignificando o potencial subversivo da obra da autora. As personagens femininas de O'Connor são rebaixamentos do ideal de feminilidade sulista, que as oprime e limita. Algumas personagens tentam aproximar-se de tal ideal, sem sucesso, enquanto outras revoltam-se abertamente contra ele, mas, ao final, a obra da autora comprova que o patriarcado e sua forma de organização da sociedade não são suficientes para garantir a integridade física e psicológica das mulheres.

Palavras-chave: Flannery O'Connor, grotesco feminino, literatura de autoria feminina, crítica literária feminista.

BARCALA, Débora Ballielo. **The female grotesque as subversion in Flannery O'Connor's work**. 2022. 251 s. (Doctorate in Literature). – São Paulo State University, Sciences and Languages School, Campus of Assis, 2022.

### **ABSTRACT**

Despite being widely discussed in the United States, Flannery O'Connor's (1925-1964) work is still little studied by the feminist criticism since it has been considered conservative and aligned to the dominant standards. This dissertation, however, demonstrates how the carnival and the grotesque articulate in Flannery O'Connor's work making it a space of subversion and cultural counter-production, by exhibiting extraordinary female bodies and behaviors and by questioning the socially established frontiers between masculine and feminine. In order to do that, the study is based on the works of Hugo (s/d), Kayser (2013) and Bakhtin (2013) about the grotesque, in addition to the works of Russo (2000) and Yaeger (2000) about the female grotesque and female authorship in the American South. Therefore, this work deepens the studies about the female grotesque in O'Connor's works, analyzing all her fictional work (novels and short stories) by establishing a dialogue with recent works about the subject and attributing new meaning to the subversive potential of the author's work. O'Connor's female characters are degraded from the southern femininity ideal, which overwhelms and limits them. Some characters try to approach such an ideal, without success, while others openly revolt against it, but in the end, the author's work proves that patriarchy and its form of organization of society are not enough to guarantee the physical and psychological integrity of women.

Keywords: Flannery O'Connor, female grotesque, female authorship, feminist literary criticism.

## Lista de obras de Flannery O'Connor e suas traduções

"A Circle in the Fire"	"Um círculo no fogo"
"A Good Man Is Had To Find"	"Um homem bom é difícil de encontrar"
"A Late Encounter with the Enemy"	"Um último encontro com o inimigo"
"A Stroke of Good Fortune"	"Um golpe de sorte"
"A Temple of the Holy Ghost"	"Um templo do Espírito Santo"
"A View of The Woods"	"Uma vista da mata"
"Everything That Rises Must Converge"	"Tudo o que sobe deve convergir"
"Good Country People"	"Gente boa da roça"
"Greenleaf"	"Greenleaf"
"Judgment Day"	"O dia do Juízo Final"
"Parker's Back"	"As costas de Parker"
"Revelation"	"Revelação"
"The Artificial Nigger"	"O negro artificial"
"The Barber"	"O barbeiro"
"The Comforts of Home"	"Os confortos do lar"
"The Crop"	"A colheita"
"The Displaced Person"	"O Refugiado de Guerra"
"The Enduring Chill"	"O calafrio constante"
"The Geranium"	"O gerânio"
"The Lame Shall Enter First"	"Os aleijados entrarão primeiro"
"The Life You Save May Be Your Own"	"A vida que você salva pode ser a sua"
"The Partridge Festival"	"O Festival da Azaléia de Partridge"
"The River"	"O rio"
"The Train"	"O trem"
"The Turkey"	"O peru"
<i>The Violent Bear It Away</i>	<i>O céu é dos violentos</i>
"Why Do the Heathen Rage?"	"Por que raiva o gentio?"
"Wildcat"	"Gato-do-mato"
<i>Wise Blood</i>	<i>Sangue Sábio</i>



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1. Gárgulas e gargântuas: o grotesco feminino e Flannery O'Connor.....	20
1.1 O que é o grotesco? Tentativas de explicação.....	20
1.2 Flannery O'Connor e o grotesco: recepção e crítica .....	31
1.3 As mulheres escrevem diferente? Crítica feminista e estudos de gênero .....	44
1.4 “On the subject of the feminist business”: crítica feminista, gênero e a obra de O'Connor .....	52
1.5 Existe um grotesco feminino? .....	73
1.6 Um rosto como o de Mary Ann: O'Connor e o grotesco feminino .....	81
2. Mulheres sulistas apagadas e silenciadas: os romances <i>Wise Blood</i> (1952) e <i>The Violent Bear It Away</i> (1960).....	89
2.1 <i>Wise Blood</i> (1952), “The Train”(1947) e “A Stroke of Good Fortune”(1955).....	89
2.1.1 A dona de casa e a classe média sulista: Sra. Hitchcock e Sra. Flood .....	91
2.1.2 A mãe terrível: Annie Lee/Lou Jackson .....	98
2.1.3 O excesso corporal e a redenção pelo sexo: a prostituta Leora Watts .....	106
2.1.4 O pardal na xícara ou a maternidade compulsória: Ruby Hill.....	113
2.1.5 A mulher que viu Deus ou a madona bastarda: Sabbath Lily Hawks .....	121
2.2 <i>The Violent Bear It Away</i> (1960), “The Barber” (1947), “The Artificial Nigger” (1955) e “The Lame Shall Enter First” (1965).....	133
2.2.1 Irmãs e mães mortas: a figura de Jezabel no imaginário sulista .....	134
2.2.2 As esposas de Rayber: Bernice Bishop e a dona de casa em “The Barber” ..	144
2.2.3 A profetisa da perna torta ou a menina espetacularizada: Lucette Carmody .	156
3. O ideal de feminilidade e sua subversão grotesca: mulheres na ficção curta de O'Connor .....	161
3.1 Como um anjo de Deus: o ideal .....	163
3.2 Agressão anti-Anjo-do-Lar: matando o ideal .....	172
3.3 A mulher dentro do pulmão de aço: mulheres em fazendas .....	184
3.4 “Moças direitas não esfolam ninguém”: mulheres que não tentam se enquadrar	201
3.5 “Mais diferente dos outros e mais igual a si mesma”: mulheres intelectuais e escritoras.....	217
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	241
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	248

## INTRODUÇÃO

*The grotesque is transgressive. It crosses borders, ignores boundaries, and overflows margins.<sup>1</sup>*

Anthony DiRenzo

Mary Flannery O'Connor, filha de Regina Cline O'Connor e Edward O'Connor, foi uma importante escritora norte-americana do século XX. Nascida em Savannah, Geórgia, em 1925, e falecida em Milledgeville, também no estado da Geórgia, em 1964. O'Connor desenvolveu uma relação bastante ambivalente com o Sul americano e o cinturão bíblico. Apesar de sentir-se em casa no Sul, compreender as “maneiras” sulistas e ser muito religiosa, a escritora também tentou escapar do destino oferecido às mulheres de sua região. Após formar-se em Ciências Sociais na Georgia College for Women, posteriormente Georgia College and State University, O'Connor foi fazer pós-graduação em Iowa, no meio oeste americano e depois mudou-se para Nova Iorque e Connecticut, onde pretendia se estabelecer como escritora, por acreditar que teria mais oportunidades e amigos com mais interesses em comum. Ela não tinha intenção de voltar a morar com a mãe, isolada em uma fazenda em Milledgeville, porém sua saúde a impediu de viver longe.

A autora também se expressa de forma ambivalente sobre sua doença:

Estou me saindo bem, apesar de quaisquer histórias conflitantes. Tenho uma doença chamada lúpus e tomo um medicamento chamado ACTH e consigo viver com os dois. O lúpus é uma daquelas coisas no departamento reumático; vem e vai, quando chega eu me aposento e quando vai, eu me aventuro. Meu pai a possuía há cerca de doze ou quinze anos, mas naquela época não havia nada para fazer a não ser esperar o agente funerário; agora pode ser controlado com o ACTH. Tenho energia suficiente para escrever e, como isso é tudo o que tenho de fazer, posso, com um olho semicerrado, considerar tudo uma bênção. O que você tem que medir, você chega para observar mais de perto, ou assim digo a mim mesma.<sup>2</sup>(O'CONNOR, 1979, p. 57, tradução nossa)<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> “O grotesco é transgressivo. Cruza fronteiras, ignora limites, transborda margens”

<sup>2</sup> “I am making out fine in spite of any conflicting stories. I have a disease called lupus and I take a medicine called ACTH and I manage well enough to live with both. Lupus is one of those things in the rheumatic department; it comes and goes, when it comes I retire and when it goes, I venture forth. My father had it some twelve or fifteen years ago but at that time there was nothing for it but the undertaker; now it can be controlled with the ACTH. I have enough energy to write with and as that is all I have any business doing anyhow, I can with one eye squinted take it all as a blessing. What you

O pai de O'Connor, que ela preferia em relação à mãe, faleceu de lúpus quando a autora ainda era adolescente, causando um grande trauma de forma que ela raramente falava sobre isso. Quando O'Connor manifestou os primeiros sintomas da doença, a família tentou esconder o diagnóstico, que na época poderia ser considerado quase uma sentença de morte. Por volta dos 27 anos, quando era inegável que a autora sofria da mesma doença que o pai, O'Connor provavelmente percebeu que teria um tempo limitado para dedicar-se à sua arte. Dessa forma, ela considerou-se abençoada de alguma maneira, por escapar de outras obrigações que lhe seriam impostas enquanto mulher, como o matrimônio, a maternidade e os afazeres domésticos, e poder dedicar-se integralmente à escrita. Mesmo no leito de hospital, O'Connor continuou escrevendo e revisando seus contos às escondidas, tendo deixado dois romances e uma coletânea de contos publicada, além de mais um livro de contos, centenas de cartas e alguns ensaios publicados postumamente e um romance inacabado.

A ambivalência foi uma constante na vida e obra de O'Connor, conforme argumentamos nesta tese. Além da relação com o Sul e com o lúpus, a relação da autora com sua mãe também era ambivalente. Desde a infância O'Connor não se referia à progenitora como “mãe”, mas sim pelo primeiro nome “Regina” e tinha uma relação bastante complicada com ela. As personagens femininas claramente inspiradas por Regina muitas vezes são arrogantes, racistas e materialistas. Com frequência, tais personagens têm um final violento e desolador. Regina apenas passou a apoiar a carreira literária da filha depois que ela comprou uma geladeira com um de seus pagamentos. Ainda assim, a autora acredita que se dedicou mais à escrita de contos porque sua mãe não teria paciência de ler textos mais longos.

No entanto, O'Connor escrevia cartas para Regina diariamente durante o período que passou em Iowa, muitas vezes até mais de uma vez ao dia. A relação entre as duas era de interdependência, especialmente após o diagnóstico de

---

have to measure out, you come to observe closer, or so I tell myself.”

<sup>3</sup> Esta citação, assim como a maioria das citações de textos em inglês nesta dissertação, foi traduzida por nós, devido à ausência de traduções em português. Por isso, consideramos redundante mencionar “tradução nossa” todas as vezes em que isto acontece. Os textos em inglês são trazidos nas notas de rodapé.

O'Connor e o difícil tratamento de sua doença. Assim, as relações mãe e filha em sua obra (e até mesmo mãe e filho) acabam por refletir essa interdependência entre uma mãe controladora e um filho ou uma filha imaturos.

Ademais, embora participasse de uma camada privilegiada da sociedade sulista, sendo branca e classe média alta, O'Connor era parte de uma minoria religiosa (católica numa região protestante) e de gênero. Na era do *New Criticism* e do movimento dos Agrários nos Estados Unidos, a mulher era considerada musa inspiradora, objeto da criação artística, numa posição passiva. Embora houvesse algumas escritoras sulistas divulgadas por tal movimento, suas obras não eram consideradas com a mesma seriedade que a de seus colegas homens. Escritoras passavam por uma série de dificuldades editoriais e de mercado, algo que talvez tenha influenciado a decisão da autora de passar a assinar apenas Flannery O'Connor e não mais Mary Flannery O'Connor, como ela costumava fazer nos tempos em que trabalhava no jornal do campus na faculdade.

Mesmo com todas as dificuldades encontradas, O'Connor conseguiu sucesso como escritora em vida e se estabeleceu como uma das maiores escritoras dos Estados Unidos após sua morte. Suas histórias figuram na grande maioria das antologias de literatura americana, é estudada no ensino médio e também nas universidades. Sua obra também foi objeto de muitas pesquisas, dissertações de mestrado e teses de doutorado, principalmente a partir dos anos 1980. O tema da religião foi o que mais atraiu o interesse dos pesquisadores, especialmente porque a própria autora declarou, por diversas vezes, que a fé católica e a questão da graça eram seu único tema. Assim, de forma incomum, O'Connor conseguiu guiar a crítica e o estudo de sua obra para o tema que considerava mais relevante.

O tema do grotesco também foi imediatamente percebido e vários pesquisadores debruçaram-se sobre essa questão, frequentemente tentando compreender como a autora utilizava o grotesco como meio de expressar sua fé. As interpretações de sua obra que se baseavam em sua biografia também se proliferaram especialmente devido à publicação da coletânea de cartas *The Habit of Being*, na década de 1970. A experiência de vida (e doença) da autora foram usados como argumento para inúmeras análises, em especial de contos como "Good Country People".

Curiosamente, no entanto, poucas vezes o fato de O'Connor ser mulher foi considerado relevante para a interpretação de sua obra. Devido à toda essa gama de interpretações focada na religião cristã, a crítica literária feminista relutou durante muitos anos em se debruçar sobre a obra de O'Connor, já que esta era frequentemente considerada como uma “agente do patriarcado”, uma escritora que apenas reforçava os valores patriarcais e misóginos de sua região e sociedade.

Esse tipo de julgamento da autora se deve, em grande medida, ao fato de ela nunca ter se manifestado publicamente sobre o assunto e, principalmente, ao fato de que muitas de suas personagens femininas têm destinos sombrios e infelizes, além de serem retratadas de maneira nada lisonjeira. Talvez boa parte dessa crítica tenha passado a acreditar que, para ser considerada, a escrita de autoria feminina deveria sempre apontar uma “saída”, uma solução, um destino mais bem-sucedido para suas mulheres e que deixar de fazê-lo seria defender que as mulheres e seus corpos permanecessem subjugados, oprimidos e violados. Todavia, esse tipo de pensamento nos parece raso e prescritivista, pois continua reproduzindo regras sobre aquilo que as mulheres devem ou não escrever, e como fazê-lo.

Angela Carter, na introdução do livro *Wayward Girls and Wicked Women*, afirma sobre a maneira com que as escritoras tendem a representar mulheres:

No geral, as escritoras são gentis com as mulheres. Talvez gentis demais. As mulheres, é verdade, cometem muito menos crimes do que os homens em primeiro lugar; não temos as mesmas oportunidades para o fazer. Mas, pela evidência da ficção que escrevemos, achamos muito difícil culpar a nós mesmas, mesmo por aqueles que cometemos. Tendemos a ver as circunstâncias atenuantes, de forma que fica difícil atribuir culpas, impossível julgar [...] Não consigo pensar em nenhuma mulher em qualquer obra de ficção escrita por uma mulher que é levada a esta revelação final de horror moral. Nós perdoamos; nós não julgamos.<sup>4</sup>(CARTER, 1986)

Definitivamente, O'Connor não é gentil demais com suas personagens, sejam elas femininas ou masculinas. Não é difícil, para o narrador (ou narradora, conforme

---

<sup>4</sup> “As it is, they are all presented as if they were perfectly normal. On the whole, women writers are kind to women. Perhaps too kind. Women, it is true, commit far fewer crimes than men in the first place; we do not have the same opportunities to do so. But, from the evidence of the fiction we write, we find it very hard to blame ourselves even for those we do commit. We tend to see the extenuating circumstances, so that it is difficult to apportion blame, impossible to judge [...] I cannot think of any woman in any work of fiction written by a woman who is taken to this final revelation of moral horror. We forgive; we don't judge.”

argumenta Gentry) de O'Connor, atribuir culpas e julgar. De fato, devido exatamente à sua proposta religiosa, o climax de muitas narrativas é exatamente esta “revelação final de horror moral” de que falava Carter. O grande exemplo disso é o conto mais famoso da autora “A Good Man Is Hard To Find”, no qual a avó, em sua tentativa frustrada de fazer o criminoso mudar de opinião, acaba tendo um momento no qual percebe a gravidade de suas ações que levaram toda a família ao trágico final de ser assassinada devido a seu egoísmo e apego a um passado racista e classista. O assassino então diz sobre ela: “‘Seria até boa mulher’ [...] ‘se a cada instante de sua vida houvesse alguém nas cercanias para lhe dar um tiro.’”<sup>5</sup>(O’CONNOR, 2020, p. 47).

As mulheres de O'Connor não são retratadas de forma idealizada, seja como belas, passivas e angelicais, seja como mulheres empoderadas, moralmente corretas e “guerreiras”. As mulheres de O'Connor são mulheres que apesar de fortes, apresentam falhas de caráter, cometem erros, prejudicam outras pessoas. São todas degradadas de um ideal opressivo de mulher sulista e que, por isso mesmo, acabam sendo a contestação, o rebaixamento deste mesmo ideal.

Esta é precisamente a tese que procuramos defender: de que o grotesco feminino, na obra de O'Connor, não tem a função de reforçar ideais inatingíveis para as mulheres, nem de punir as personagens femininas que tentam escapar deste papel tradicional de submissão. Ao contrário da maioria dos estudos sobre a obra da autora, inclusive sob o viés da crítica feminista, acreditamos que o grotesco feminino tem o papel de contestar, denunciar e lançar luz sobre os padrões impostos às mulheres e sobre a limitação a elas imposta.

Para Di Renzo (1993), o grotesco remonta às gárgulas das catedrais góticas e medievais e tem o mesmo papel que elas: promover a drenagem. O grotesco, portanto, expressa o reprimido. É o transbordamento de tudo aquilo, e todas aquelas pessoas, que a cultura oficial procura negar, reprimir, abafar. Assim, as gárgulas:

são literalmente trombas d’água cujas bocas sorridentes vomitam esgoto e água da chuva. [...] É uma reafirmação feroz de tudo o que a cultura nega, um escoamento daqueles sentimentos, ideias e imagens que ela censura e

---

<sup>5</sup> “She would of been a good woman,” The Misfit said, “if it had been somebody there to shoot her every minute of her life.” (O’CONNOR, 1971, p. 133)

bane para fazer com que a vida se conforme a um padrão seguro, previsível. O grotesco é transgressivo. Cruza fronteiras, ignora limites e transborda margens<sup>6</sup> (DI RENZO, 1993, p. 5).

A presente pesquisa de doutorado continua e aprofunda um estudo já iniciado no mestrado, na dissertação intitulada “O grotesco e a personagem feminina em alguns contos de Flannery O'Connor” (2017), durante o qual percebemos uma lacuna no estudo da obra da autora tanto no Brasil, no qual O'Connor não foi muito estudada, sendo esta a primeira tese de doutorado sobre sua obra no país, quanto no exterior, onde os estudos ou se dedicam a uma pequena parte da obra de O'Connor, notadamente “Good Country People”, ou defendem que a autora era misógina com suas personagens. A dissertação de mestrado teve como *corpus* apenas os contos “A Stroke of Good Fortune”, “A Temple of the Holy Ghost”, “Good Country People”, “A View of the Woods”, “Revelation” e “Parker’s Back”, que foram amplamente discutidos no âmbito do grotesco e das personagens femininas.

Os desafios para a realização da pesquisa de doutorado, no entanto, cresceram na mesma medida em que o *corpus* da pesquisa se expandiu. Se no mestrado a dificuldade foi ter acesso a bibliografia relevante, o que levou à realização do estágio de pesquisa no exterior, no doutorado o desafio foi selecionar a bibliografia em meio a uma multidão de pesquisas e artigos. Ademais, as dificuldades desta vez foram de ordem externa e mundial, com a declaração da pandemia de COVID-19 em 11 de março de 2020, enquanto a doutoranda se encontrava em Milledgeville, nos Estados Unidos, realizando um estágio de pesquisa no acervo da Ina Dillard Russel Library, que contém a grande maioria dos manuscritos de Flannery O'Connor. O estágio, que contou com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e a supervisão do doutor Marshall Bruce Gentry, deveria ocorrer de 15 de janeiro a 14 de abril de 2020, porém, com a pandemia, todas as universidades e arquivos nos Estados Unidos foram fechadas ao público, inviabilizando a pesquisa e forçando um retorno ao Brasil no

---

<sup>6</sup> “They are literally waterspouts whose grinning mouths spew sewage and rainwater. [...] It is a ferocious reassertion of all that a culture denies, an outlet for those feelings, ideas, and images that it censors and banishes to make life conform to a safe, predictable pattern. The grotesque is transgressive. It crosses borders, ignores boundaries, and overflows margins.”

dia 23 de março de 2020. Apesar de abreviado, o período no exterior foi muito prolífico e muitas evidências encontradas nos manuscritos foram incorporadas na tese.

Ao final da pesquisa de mestrado, duas constatações ofereceram indícios para a continuidade dos estudos da obra de O'Connor e deram início à presente tese. A primeira foi que o processo de carnavalização e “o grotesco são úteis à escrita de autoria feminina, pois, mesmo que inserida no discurso dominante, a literatura de autoria feminina torna-se lugar de insurreição e contraprodução cultural ao exibir corpos e comportamentos femininos extraordinários” (BARCALA, 2017, p. 89). A segunda afirmação relaciona-se mais à revisão da crítica literária já feita sobre a obra da autora, que constantemente reforçava a ideia de seu alinhamento com o padrão patriarcal.

...a crítica se assemelha às freiras do convento *Mount St. Scholastica*, de “*A Temple of the Holy Ghost*”, que tentam manter as meninas de “pezinho amarrado”, para que se comportem “adequadamente”. Ignorar uma das vozes do discurso de O'Connor significa marginalizar o discurso feminino e calar autoritariamente a faceta subversiva de sua obra, inerente ao uso do grotesco. É curioso que, mesmo décadas após a morte de O'Connor, sua obra ainda contribua não apenas para lançar luz sobre as limitações e contradições da sociedade, mas também sobre as limitações e preconceito dos estudos críticos literários que, com frequência, rotulam as produções de mulheres como “panfletárias” e, por isso, inferiores; ou como semelhantes à literatura “masculina” e, por isso, não engajadas. (BARCALA, 2017, p. 135)

Assim, no primeiro capítulo, intitulado “Gárgulas e gargântuas: o grotesco feminino e Flannery O'Connor”, realizamos uma revisão bibliográfica e da fortuna crítica da obra da autora, focando principalmente nos temas do grotesco, crítica feminista e grotesco feminino. O capítulo está dividido em seis etapas nas quais inicialmente abordamos os principais estudos e teorias sobre o grotesco em geral e sobre o grotesco na obra de Flannery O'Connor, em seguida investigamos as tendências da crítica feminista e as análises já realizadas da obra da autora e, por fim, discutimos a possibilidade da existência de um grotesco feminino e revisamos alguns trabalhos que abordaram o tema em O'Connor. Com isso, buscamos demonstrar a relevância e originalidade do presente estudo.

O segundo capítulo, intitulado “Mulheres sulistas apagadas e silenciadas: os romances *Wise Blood* (1952) e *The Violent Bear It Away* (1960)” traz principalmente as análises do grotesco feminino e das personagens femininas nos dois romances publicados de O'Connor em conjunto com alguns contos que eram inicialmente parte dos romances e foram depois publicados como narrativas independentes, à luz das evidências encontradas nos manuscritos em Georgia College. Este capítulo é subdividido em oito tópicos e em cada tópico trata-se da análise de uma personagem específica e sua relação com outras personagens da autora.

Procuramos resgatar, neste capítulo e na tese como um todo, personagens frequentemente ignoradas e esquecidas pela crítica e demonstrar como, apesar de alguns apagamentos e silenciamentos de personagens femininas durante o processo de escrita, O'Connor logrou criar mulheres fortes e marcantes, dos mais variados corpos e personalidades. Além disso, os romances de O'Connor escancaram o machismo e a misoginia da sociedade sulista e demonstram a falha da sociedade patriarcal em organizar o mundo e controlá-lo.

O terceiro capítulo, “O ideal de feminilidade e sua subversão grotesca: mulheres na ficção curta de O'Connor” analisa principalmente as personagens femininas e o grotesco na ficção curta de O'Connor, principalmente nos contos dos volumes *A Good Man Is Hard To Find* (1955) e *Everything That Rises Must Converge* (1965), mas também algumas narrativas da dissertação de mestrado da autora e publicações de revistas. Os contos e suas análises foram divididos e abordados de acordo com sua relação com o ideal de mulher sulista. A primeira parte do capítulo explica qual o ideal de *Southern belle/lady* e como tal ideal afetou a vida das mulheres sulistas. Em seguida, tratamos das personagens que se identificam ou tentam manter esse ideal para a manutenção do *status quo* devido a seu apego à hierarquia de classes. Depois, investigamos o lugar ambivalente ocupado pela maioria das mulheres fazendeiras, que tentavam ao mesmo tempo ser bem-sucedidas em atividades masculinas e reforçar o ideal. Há ainda a categoria das personagens que não se enquadram nos padrões estabelecidos e tampouco buscam se enquadrar, revoltando-se contra o sistema. Por fim, analisamos as personagens que escapam ao ideal pela atividade intelectual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

The fiction writer doesn't state, he shows, renders.  
It's the nature of fiction and it can't be helped.<sup>390</sup>  
Flannery O'Connor

Como destacado desde o primeiro capítulo desta tese, o grotesco é caracterizado principalmente por ser um processo de rebaixamento de um ideal, de degradação, de aproximação da terra, do baixo, do terreno. Os polos da morte e do renascimento se encontram e não há fim no processo de rebaixamento. Dessa forma, o grotesco rebaixa um ideal e acaba por estabelecer um novo ideal que deverá ser, mais uma vez, rebaixado.

Portanto, quando afirmamos que a obra de Flannery O'Connor é grotesca, estabelecemos que, em seus textos, o rebaixamento ocorre constantemente, mas o que vemos é apenas uma degradação momentânea dos ideais, que deverá acontecer novamente, de outras formas. Assim, é impossível encontrar soluções definitivas para os problemas enfrentados pelas personagens na obra da autora. As personagens femininas estão em constante embate com os ideais de feminilidade e o machismo que as oprime. Mesmo quando logram algum tipo de libertação ou vitória, esta acaba por ser momentânea enquanto a personagem ainda está viva. Isto porque, embora sejam capazes de agir no âmbito de suas vidas particulares, suas personagens não conseguem alterar definitivamente todo o sistema de padrões de gênero da sociedade sulista em que estão inseridas.

Isso, no entanto, não as caracteriza somente como vítimas, desprovidas de poder e incapazes de resistência. Ao contrário, o uso que a autora faz do insólito e do grotesco feminino ilumina as injustiças, desigualdades e violências sofridas por essas mulheres, independentemente de serem mães, avós, crianças, casadas, solteiras, de concordarem e tentarem se adequar ao padrão sulista ou não. Sua obra demonstra que ainda não havia muita escapatória para a maioria das mulheres, mas

---

<sup>390</sup> "O escritor de ficção não afirma, ele mostra, apresenta. É a natureza da ficção e não há outra alternativa. (O'CONNOR, 1979, p. 106)

havia resistência e tentativas de subversão. A autora assumia que tentava chocar seus leitores, desenhando imagens grandes e exageradas para que a mensagem fosse compreendida, e é evidente que as situações vividas por suas mulheres fazem parte desse choque. É o grito de denúncia, de resistência que subjaz à escrita grotesca e aos finais desanimadores, efeito difícil de alcançar com narrativas de finais felizes nas quais todos os conflitos são satisfatoriamente solucionados.

Muitas obras de escritoras do passado já haviam sido mal compreendidas por alguns e seu teor crítico e mordaz desprezado devido ao fato de apresentarem desfechos plenamente esperançosos. O caso de *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, é um exemplo desses, frequentemente lembrado apenas como uma bela história de amor na qual as protagonistas casam-se com os homens que desejavam, ignorando toda a ironia que marca o romance. Outras obras escritas por mulheres, mesmo mais recentemente, recebem capas e tratamento artístico para evidenciar a “feminilidade” ou a “delicadeza” das obras, ainda quando o conteúdo não condiz com tais características, como as publicações brasileiras mais recentes de Lígia Fagundes Telles e Virginia Woolf, por exemplo.

Mesmo o livro *A Good Man Is Hard To Find* recebeu em 1955 uma capa que sugeria uma história de amor entre Hulga e Manley Pointer, representando a moça como uma *pin-up* e não como a mulher gorda, de óculos e que sequer usava perfumes ou roupas estilosas. Assim, nos anos 1950 era necessário um grande esforço das escritoras, de O'Connor especificamente, para não serem tachadas de “femininas” e assim transformarem-se em literatura de nicho, que não receberia atenção digna da crítica.

Havia uma pressão para que as mulheres da metade do século vinte retornassem para a esfera doméstica e deixassem de trabalhar fora de casa e levar uma vida independente. Assim como ocorreu na Guerra da Secessão, na Primeira e na Segunda Guerra Mundial, quando os homens estavam ocupados nos exércitos as mulheres conseguiam conquistar certa autonomia e liberdade que viam ser ameaçadas e retiradas logo após o fim dos conflitos. Isso evidencia mais uma vez o caráter transitório das mudanças e das subversões grotescas. Também a luta das mulheres é um processo constante de rebaixamento dos ideais.

Na superfície ou nas aparências, muitas donas-de-casa e escritoras norte-

americanas do século XX pareciam estáveis, felizes e conformadas com suas posições nas famílias e na sociedade. No entanto, seus aventais e boas maneiras muitas vezes escondiam uma inquietude com as limitações de gênero a elas impostas. Essa inquietude e raiva, como a agressão anti-Anjo-do-Lar, destacada nessa tese, era expressa por vezes através da escrita, com personagens caricatas, ousadas, monstruosas e grotescas.

Tais personagens retratavam a posição das mulheres à época, que era ambivalente, grotesca. Ao mesmo tempo em se exigia que exercessem papéis masculinos na ausência dos homens, também se exigia que fossem as perfeitas *Southern belles/ladies*, deixando-as numa posição incerta e vulnerável que apenas a monstruosidade, a caricatura e o grotesco são capazes de capturar e processar. Mesmo quando pareciam confortáveis com tal posição, essas mulheres estavam sempre cansadas, como Mrs. May, ou olhando para seu sucesso como se fosse um fardo, como Mrs. Cope, porque de fato ser mulher naquele ambiente era um fardo.

Monstruosidades fictícias e caricaturas ousadas estavam presentes na obra de O'Connor desde o início, conforme foi possível demonstrar nesta tese. Logo na escrita de seu primeiro romance, *Wise Blood*, que coincidiu com a escrita de seus primeiros contos da dissertação de mestrado, pode-se perceber a forte presença de uma grande variedade de mulheres. Desde as mais próximas do padrão sulista como Mrs. Hitchcock e Mrs. Flood, a mulher que Hazel encontra no trem e a dona da pensão onde ele mora, até a enigmática e profética Sabbath Lily que incorpora um rebaixamento da madona cristã. Hazel, o protagonista homem com nome feminino, tem seu destino intrinsecamente ligado às mulheres com as quais cruza e à mãe que já está morta desde antes do início do romance, mas de quem não consegue se libertar.

Todas as personagens de *Wise Blood* destacadas e analisadas no segundo capítulo são invariavelmente versões falhas, rebaixadas da mulher ideal, mesmo Annie Lou, que era uma mãe austera e rígida, falha em atingir o ideal de feminilidade baseado na gentileza e no altruísmo e vampiriza Hazel a tal ponto que ele se transforma em uma versão degradada da própria mãe. As personagens Leora Watts, Ruby Hill e Sabbath Lily também são representadas em diversos momentos como versões rebaixadas de Annie Lou, nas quais Hazel busca conforto e solução para

seus próprios problemas, sem, no entanto, encontrar. O próprio Mr. Jerger de “A Stroke of Good Fortune” e versões anteriores do romance aponta para esse rebaixamento das personagens ao compará-las com versões das deusas da mitologia clássica. Evidentemente, Leora e Ruby são versões rebaixadas de Vênus e Gaia.

Ademais, todas as personagens femininas em *Wise Blood* foram, em alguma medida, traídas por um homem e colocadas em risco por ele. Mrs. Hitchcock não consegue aproveitar adequadamente seu momento de férias e descanso porque, mesmo ausente, sente-se responsável pela alimentação do marido. Mrs. Flood não consegue experimentar o amor devido às recusas e à grosseira de Hazel. Leora Watts é constantemente abusada por seus clientes e apenas chega a tornar-se uma prostituta devido a um abuso sofrido na adolescência. Bill Hill engravida a esposa Ruby contra a sua vontade e, nos manuscritos, Hazel e Bill sentem-se no direito de decidir sobre o futuro da gravidez. Em todas as diferentes versões de Sabbath Lily, a menina tem um pai, ou marido que não se preocupa com suas necessidades e se aproveita dela para conseguir mais fiéis e mais dinheiro. Mesmo no romance publicado, Hazel se aproxima de Sabbath com a intenção de seduzi-la e abandoná-la. E há ainda Annie Lou que, por evidências dos manuscritos, tivera uma vida dura em decorrência das escolhas do pai e do marido.

Mesmo que tenham participação menos destacada no segundo romance de O'Connor, *The Violent Bear It Away*, as mulheres também são grotescas e percebidas como rebaixadas de algum ideal masculino de feminilidade. A percepção que o velho Tarwater e Rayber têm sobre as mulheres, embora por valores diferentes já que o velho Tarwater julga-as por sua inadequação religiosa e Rayber por algum tipo de carência pessoal, é a de que são sempre falhas e causam todos os problemas que os acometem. Mesmo que em ausência, as irmãs e mães mortas do romance escancaram o fato de que as mulheres são julgadas por seus comportamentos mesmo após a morte, não há descanso para a culpabilização de uma mulher.

Talvez as mulheres mais empoderadas de todo o romance sejam Bernice, esposa do protagonista Rayber que simplesmente o deixou para dedicar-se à sua carreira, mas continua sendo malvista por isso, e Lucette Carmody, que mesmo

sendo objeto da exploração financeira dos pais é uma voz verdadeira que afeta profundamente as percepções dos protagonistas. Todavia, Bernice continua sendo rebaixada de um ideal de mãe altruísta e amorosa e Lucette de um ideal físico de perfeição que seria mais próximo da imagem sublime de um anjo.

A ficção curta de O'Connor deixa ainda mais clara a subversão do ideal de mulher sulista operado na obra da autora por meio do grotesco. Em alguns de seus contos, notadamente "A Late Encounter With the Enemy", "A Good Man Is Hard To Find" e "Everything That Rises Must Converge" é possível observar a tentativa de matar os representantes concretos do ideal patriarcal e de *Southern belle*, mas, como bem disse Virginia Woolf, "é muito mais difícil matar um fantasma do que uma realidade" (WOOLF, 2013, p. 13), o fantasma ou o Anjo do Lar sempre volta de forma sorrateira.

Nos contos de O'Connor, o fantasma sorrateiro reaparece nas vozes das mulheres que já exercem papéis de liderança e chefia tradicionalmente considerados masculinos, mas ainda tentam passar a imagem de docilidade e feminilidade exigida delas e acreditam na hierarquia da sociedade sulista. São os casos de Mrs. May e Mrs. Cope, analisadas no segundo capítulo. A tentativa de exercer esse papel duplo numa sociedade misógina deixa as mulheres numa posição de exaustão e fragilidade, evidenciando o contexto hostil e claustrofóbico em que estavam inseridas.

Há ainda as mulheres que se revoltam contra as opressões e contra a injustiça dos ideais impostos a elas e apresentam comportamentos inesperados e considerados monstruosos. São as aberrações, as mulheres à margem da vida social e que não desejam adentrá-la, pois acreditam que os padrões estão corrompidos. É o caso das meninas de "A Circle in the Fire", "A Temple of the Holy Ghost", "A View of the Woods" e "The Comforts of Home". Talvez por serem parte de uma geração mais nova, tais mulheres compreendem a opressão a que estão sujeitas as mães, avós e mulheres "de família" que precisam observar seu comportamento constantemente, não demonstrar descontentamento ou mais talento que um homem. Conforme explicado no terceiro capítulo, elas são alvo da raiva e da inveja masculina reprimidas e podem até ter destinos trágicos e violentos, mas, mesmo no caso de Mary Fortune, a única menina que é assassinada, ela morre

justificada, conforme afirma a própria O'Connor em carta:

Parte da tensão do conto é criada por Mary Fortune e o velho serem imagens um do outro, mas opostos no final. Uma é salva e o outro é condenado e não há outra saída, isso deve ser apontado e sublinhado. Seus destinos são diferentes. Um tem que morrer primeiro porque um mata o outro<sup>391</sup> (O'CONNOR, 1979, p. 190)

Portanto, a autora admite que teve a intenção de criar finais opostos para Mary Fortune e o avô e a única razão pela qual a menina morre é para que Mark Fortune possa ser representado inegavelmente como um assassino, imagem da violência de gênero. Mary não é punida por sua rebelião, ela é salva por sua resistência em se submeter aos desejos do avô e impossibilitar que qualquer um deles se torne realidade. Embora as outras personagens desta categoria de rebeldia contra os padrões sofram algum tipo de trauma ou perda, elas sobrevivem para poder continuar o ciclo grotesco de subversão e rebaixamento do ideal. Isso ocorre também com as personagens intelectuais, Hulga, Mary Grace, Miss Willerton e Mary Elizabeth.

Assim, mesmo que o tratamento dispendido às personagens seja agressivo por vezes, tal agressividade é a agressão anti-Anjo-do-Lar, anti-ideal, em outras palavras, um meio de promover o choque em quem lê com mulheres que não se encaixam nem nos estereótipos de feminilidade sulista com os quais a autora pessoalmente também sofria, nem nas imagens de felicidade materna ou empoderamento feminino. Conforme afirmamos no início desta tese, as personagens femininas de O'Connor não são idealizadas, seja como mulheres completamente passivas ou como exemplos de superação das dificuldades, porque são a subversão do próprio ideal, são a estilização de mulheres reais com falhas, qualidades e contradições.

A obra ficcional de O'Connor é grotesca como suas mulheres: transgressiva, cruza e transborda os limites. A literatura da autora rebaixa os padrões literários impostos às escritoras sulistas, ela recusa-se a propagar o ideal de matriarca sulista

---

<sup>391</sup> Part of the tension of the story is created by Mary Fortune and the old man being images of each other but opposite in the end. One is saved and the other is dammed and there is no way out of it, it must be pointed out and underlined. Their fates are different. One has to die first because one kills the other

ou da *belle*, recusa-se a escrever uma literatura confortável. Conta-se que, na ocasião da publicação de *Wise Blood*, uma senhora escreveu uma carta a O'Connor reclamando que o romance tinha deixado "um gosto ruim na boca", ao que a autora respondeu que ela "não deveria tê-lo comido". Essa anedota exemplifica a quebra de expectativas causada pela obra da autora em leitores mais tradicionais; é a deglutição e regurgitação grotescas da literatura subversiva.

Certamente, esta tese não pretende ser a obra definitiva sobre o grotesco feminino na obra de O'Connor, já que é impossível dar a palavra final sobre qualquer texto literário. No entanto, contribuí para diminuir a lacuna identificada na fortuna crítica de sua obra, tanto no Brasil como no exterior, mas, assim como o ciclo grotesco nunca se encerra e está sempre em transformação e renovação, os estudos sobre qualquer grande escritora serão sempre revistos e renovados pois deixam, invariavelmente, lacunas a serem preenchidas em pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. Trad. Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.
- BARCALA, Débora Ballielo. **O grotesco e a personagem feminina em contos de Flannery O'Connor**. 2017. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARR, Helen. A History of Women's Writing. *In*: PLAIN, Gill; SELLERS, Susan (org.). **A History of Feminist Literary Criticism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 120–137.
- CARTER, Angela (ORG.). **Book of Wayward Girls and Wicked Women**. Kindle ed. London: Virago, 1986.
- CARUSO, Teresa (ORG.). **“On the subject of the feminist business”: re-reading Flannery O'Connor**. New York: Peter Lang, 2004.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras cores, números)**. Trad. Vera da Costa e Silva. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- DIRENZO, Anthony. **American Gargoyles: Flannery O'Connor and the Medieval Grotesque**. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1995.
- EAGLETON, Mary. Do Women Write Differently? *In*: EAGLETON, Mary (org.). **Feminist Literary Theory – A Reader**. 2. ed. New Jersey: Wiley, 1996. p. 200–207.
- EAGLETON, Mary. Literary Representations of Women. *In*: PLAIN, Gill; SELLERS, Susan (org.). **A History of Feminist Literary Criticism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 105–119.
- ECO, Umberto. **História da Feiura**. Trad. Eliana Aguiar. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- FALLON, April D. The Grotesque as Feminist Revision of the “Southern Lady” in Carson McCullers's and Flannery O'Connor's Fiction. **Journal of Kentucky Studies**,

v. 23, p. 113–121, 2006.

FREUD, Sigmund. **O Infamiliar e outros escritos**. Trad. Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FUNK, Susana Bornéo. Da questão da mulher à questão do gênero. **Trocando ideias sobre a mulher e a literatura**, 1994.

GENTRY, Marshall Bruce. **Flannery O'Connor's Religion of the Grotesque**. Jackson and London: University Press of Mississippi, 1986.

GENTRY, Marshall Bruce. Gender Dialogue in O'Connor. *In*: RATH, Sura P.; SHAW, Mary Neff (org.). **Flannery O'Connor: New Perspectives**. Athens and London: The University of Georgia Press, 1996, p. 57–72.

GIANNONE, Richard. Displacing Gender: Flannery O'Connor's View from the Woods. *In*: RATH, Sura P.; SHAW, Mary Neff (org.). **Flannery O'Connor: New Perspectives**. Athens and London: The University of Georgia Press, 1996. p. 73–95.

GORDON, Sarah. **Flannery O'Connor: The Obedient Imagination**. Athens, GA: University of Georgia Press, 2000.

GRONEMAN, Carol. Nymphomania: The Historical Construction of Female Sexuality. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 19, n. 2, 1994, p. 337–367

HUGO, Victor. **Do Grotesco e do Sublime**. São Paulo: Perspectiva, [s.d.].

KAYSER, Wolfgang. **O Grotesco: Configuração na Pintura e na Literatura**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KREYLING, Michael (ORG.). **New Essays on Wise Blood**. New York: Cambridge University Press, 1995.

KURY, Mário da Gama. **Dicionário de mitologia grega e romana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LOVE, Heather. Feminist criticism and queer theory. *In*: PLAIN, Gill; SELLERS, Susan (org.). **A History of Feminist Literary Criticism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 301–321.

MILLER, Monica Carol. **Being Ugly: Southern Women Writers and Social Rebellion**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2017.

MILLER, Monica Carol. Country People: Depictions of Farm Women in Flannery O'Connor's Short Fiction. *In*: ARANT, Alison; COFER, Jordan (org.). **Reconsidering Flannery O'Connor**. Kindle ed. Jackson: University Press of Mississippi, 2020. p.

112–124.

MULLER, Gilbert H. **Nightmares and Visions: Flannery O'Connor and the Catholic Grotesque**. Athens, GA: University of Georgia Press, 1972.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, 2000, p. 9–41.

O'CONNOR, Flannery. **The Violent Bear It Away**. Kindle ed. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1960.

O'CONNOR, Flannery. **The Complete Stories**. Kindle ed. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1971.

O'CONNOR, Flannery. **Mystery and Manners**. Kindle ed. London: Faber and Faber, 1972.

O'CONNOR, Flannery. **The Habit of Being**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1979.

O'CONNOR, Flannery. **Flannery O'Connor: Collected Works**. New York: The Library of America, 1988.

O'CONNOR, Flannery. **Sangue Sábio**. Trad. Roberto O'Shea. São Paulo: Siciliano, 1990.

O'CONNOR, Flannery. **Manuscripts of The Violent Bear It Away**. s/d. Localizado em: Special Collections, Ina Dillard Russel Library, Georgia College and State University, Milledgeville, GA, Arquivos 160-190.

O'CONNOR, Flannery. **Contos Completos: Flannery O'Connor**. Trad. Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

O'CONNOR, Flannery. **O Céu É dos Violentos**. Trad. Luis Coimbra. Lisboa: Relógio D'Água, 2014.

O'CONNOR, Flannery. **Um homem bom é difícil de encontrar e outras histórias**. Trad. Leonardo Fróes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

O'CONNOR, Flannery. **Manuscripts of Wise Blood**. s/d. Localizado em: Special Collections, Ina Dillard Russel Library, Georgia College and State University, Milledgeville, GA, Arquivos 22-133.

PAIGE, Linda Rohrer. White Trash, Low Class, and No Class at All: Perverse Portraits of Phallic Power in Flannery O'Connor's Wise Blood. **Papers on language & literature**, v. 33, n. 3, p. 325–333, 1997.

- PROWN, Katherine Hemple. **Revising Flannery O'Connor: southern literary culture and the problem of female authorship**. Charlottesville and London: University Press of Virginia, 2001.
- REESMAN, Jeanne Campbell. Women, Language, and the Grotesque in Flannery O'Connor and Eudora Welty. *In*: RATH, Sura P.; SHAW, Mary Neff (org.). **Flannery O'Connor: New Perspectives**. Athens and London: The University of Georgia Press, 1996. p. 38–56.
- RUBIN, Gayle S. Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical da Política da Sexualidade. *In*: **Políticas do sexo**. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2017. p. 62–128.
- RUSSO, Mary. **O grotesco feminino: risco, excesso e modernidade**. Trad. Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SAXTON, Benjamin. From the Incarnational to the Grotesque in “Revelation,” “Parker’s Back,” and Dostoevsky’s Crime and Punishment. **Flannery O'Connor Review**, v. 10, p. 97–111, 2012.
- SCOTT, Anne Firor. **The Southern Lady: From Pedestal to Politics 1830-1930**. Charlottesville and London: University Press of Virginia, 1995.
- SCOTT, R. Neil; STREIGHT, Irwin H. (ORG.). **Flannery O'Connor: The Contemporary Reviews**. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2009.
- SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque De (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23–57.
- SHOWALTER, Elaine. Introduction. *In*: SHOWALTER, Elaine, BAECHLER, Lea, LINTZ, A. Walton. **Modern American Women Writers: Profiles of Their Lives and Works from the 1870s to the Present**. New York: Scribner's, 1993.
- STARK, Trudie; VAN DEVENTER, Hans J. The Jezebel spirit: A scholarly inquiry. **Verbum et ecclesia**, v. 30, n. 2, p. 68–76, 2009.
- WESTLING, Louise. **Sacred Groves and Ravaged Gardens: The Fiction of Eudora Welty, Carson McCullers and Flannery O'Connor**. Athens: The University of Georgia Press, 1985.
- WESTLING, Louise. Fathers and Daughters in Welty and O'Connor. *In*: MANNING, Carol S. (org.). **The Female Tradition in Southern Literature**. Urbana and Chicago:

University of Illinois Press, 1993. p. 110–124.

WHITT, Margaret. Flannery O'Connor's Ladies. **The Flannery O'Connor Bulletin**, v. 15, p. 42–50, 1986.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Trad: Denise Bottman. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

XAVIER, Elódia. Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória. **Mulheres e Literatura**, v. 3, 1999.

YAEGER, Patricia. The Woman without Any Bones: Anti-Angel Aggression in *Wise Blood*. In: KREYLING, Michael (org.). **New Essays on Wise Blood**. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 1995. p. 91–116.

YAEGER, Patricia. Flannery O'Connor and the Aesthetics of Torture. In: RATH, Sura P.; SHAW, Mary Neff (org.). **Flannery O'Connor: New Perspectives**. Athens and London: The University of Georgia Press, 1996. p. 183–206.

YAEGER, Patricia. **Dirt and Desire: Reconstructing Southern Women's Writing 1930-1990**. Chicago & London: The University of Chicago Press, 2000.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONICCI, Tomas; (org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 181–203.